

Fortaleza em cotidiano: A instalação da base militar norte-americana e a alteração da rotina em terras alencarinhas.(1943-1945).

Reverson Nascimento Paula*

A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, em 1941, provocou um sensível rearranjo no quadro das relações diplomáticas que impulsionou o alinhamento do Brasil aos Aliados.

Em 1942, os Estados Unidos, por necessitarem do apoio estratégico do Brasil, assinam com o governo Vargas os Acordos de Washington, assim selando um empréstimo financeiro para a modernização e implantação do projeto siderúrgico brasileiro, além da aquisição de material bélico. Esses acordos foram decisivos para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional e da Companhia Vale do Rio Doce. Assim o Brasil assumiu o compromisso de fornecer minérios estratégicos e importantes à indústria bélica americana, borracha, e permitir aos norte-americanos a instalação de bases militares em Belém, Natal, Recife, Fernando de Noronha e Fortaleza.

Em 1943, onde hoje se encontra o bairro do Pici, os estadunidenses iniciaram a construção de sua base, assim como ergueram no Alto da Balança um aeroporto, conhecido como Cocorote, denominação que deriva da expressão inglesa “the coco route”, ou seja rota do rio Cocó, o qual viria a ser seu posto de comando. Estima-se que cinquenta mil soldados norte-americanos transitaram por Fortaleza neste período, assim, os céus de Fortaleza passaram a conviver com os constantes aviões que patrulhavam em busca de submarinos alemães até 1946 quando a base foi desinstalada.

As influências trazidas pelos norte-americanos que para aqui vieram e permaneceram com a instalação da base militar norte-americana durante o referido período, acabaram transformando o espaço de sociabilidade, os hábitos e os costumes, mediante as alterações na rotina e no pensar a sociabilidade da cidade. Fatos estes que podem ser percebidos na assimilação da língua inglesa por parte da população, principalmente das moças ávidas pelo ideal de beleza norte-americano, assim como nas peças de vestuário e as práticas alimentares trazidas com American way of life. Simples fatos, no que tocam até mesmo a maior importação e o aumento no consumo de utensílios domésticos, os quais passaram a integrar o

* Graduando na Universidade Estadual do Ceará (UECE) em Licenciatura Plena de História e orientado pelo Prof. PhD. Gisafran Nazareno Mota Jucá.

cotidiano da cidade que ansiava por se tornar moderna podem nos ajudar nessa percepção do que aconteceu naquele período. Utensílios estes, que dentro da perspectiva do tornar-se moderno, vem para diminuir o tempo gasto em certas atividades, dando assim mais tempo para a realização de tantas outras necessárias.

Através do discurso do historiador Antônio Luiz Macedo e Silva Filho (FILHO, 2002) percebe-se como não só a sociedade fortalezense estava dialogando com os Estados Unidos, mas sim a sociedade brasileira em seu âmbito mais genérico:

No início da década de 1940, a sociedade brasileira mantinha intenso flerte com os emblemas eminentes da dita civilização moderna: os arranha céus, o automóvel e o avião, os complexos industriais, as constelações de vitrines, além desses poderosos instrumentos de informação, propaganda e entretenimento que eram (e ainda são) o cinema e o rádio.

Embora os soldados norte-americanos estivessem na maior parte do tempo em suas dependências na base aérea, nos momentos de folga, vários desses soldados transitavam pelas ruas em característicos jipes e freqüentavam habituais pontos de encontro, envergando o prestígio do uniforme e a força do dólar em bares, cafés, sorveterias, cinemas e restaurantes. Não demorou que o sopro da guerra, outrora carregado nas ondas do rádio, assumisse novo matiz nos suspiros das moças (CARVALHO, 2000: p. 296):

Por aqui, também brilham os norte-americanos. Meninos grandes, bem-humorados, esses infantes, aviadores e marinheiros dos Estados Unidos. Como no Pará, as mocinhas cearenses também perderam a cabeça em contato com os meninões. Em Fortaleza, já se pronunciam muitas palavras e muitas frases da língua inglesa. Aqui, as fãs dos ianques chamam-se Coca Colas. E, entre elas, segundo me informam os vizinhos, há moças até da alta sociedade. Elas não indagam da família, da profissão, da vida enfim dos louros latagões: satisfazem-se com a pele branca e rosada, com a língua diferente que já é sinal de superioridade.

Inclusive a língua provou um censo de curiosidade e interesse, gerando na cidade uma epidemia de estudantes de inglês, em especial as moças:

Às vezes, chegam-se a ouvir demonstrações de aproveitamento de tanto esforço [na aprendizagem da língua inglesa], quando deixam escapar os indefectíveis 'All right, bye bye, yes, excuse me', nem sempre deixando de engrolar a língua e premir os lábios, à guisa de melhor imitar o sotaque ianque"¹

1 Jornal O Estado. Fortaleza, 8 de maio. 1943.

Percebe-se nesse momento, certa transformação das práticas da época, certa “substituição de um francesismo, já desgastado, para um americanismo a todo vapor” (SOUZA, 2008: p. 28-48), e com uma capacidade de adaptação impressionante para o período. Até esse momento a França ditava o que era moda, moderno e os costumes a serem preservados, mas nesse ponto os Estados Unidos emergem como novos formadores de pensamento através da força cultural que trazem para cá.

Em 1941, é fundada a USO (United States Organization ou Organização do Estados Unidos), sendo uma organização privada, criada a pedido direto do então presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt. Ele desejava que pessoas e organizações diversas se unissem sob uma única sigla para fornecer serviços recreativos que ajudassem na elevação do moral das tropas americanas nas áreas de conflito durante a Segunda Guerra Mundial. A USO de Fortaleza foi criada na praia de Iracema e teve uma atuação muito intensa neste período e com enorme sucesso. Nesta perspectiva entra a questão da representação das imagens que tantos os soldados teriam que ter das pessoas da região com a criação de uma imagem unificada que os cidadãos fortalezenses teriam dos soldados. Na sede da USO, os soldados se reuniam para jogar rugby e handball, além de promoverem festas e conversarem, desta maneira fugindo um pouco da rotina imposta dentro da base militar.

Além de aproveitarem a natureza praiana, os militares dos Estados Unidos mantinham relações cordiais com as moças da cidade, estas, foram atraídas pelo novo estereótipo de beleza americana e pela novidade que eles traziam. Moças de famílias tradicionais, normalmente muito bonitas, elegantes, educadas e que não estavam nem aí para as críticas da sociedade local. Logo estas jovens foram apelidadas pejorativamente de “Coca-Colas”. Comenta-se que a denominação depreciativa surgiu por elas terem o privilégio de tomar o famoso refrigerante americano que, na ocasião, somente era visto nas telas do cinema.

Não podemos esquecer que em Natal havia situação semelhante. Os norte americanos promoviam festas na base de Parnamirim Field, as famosas festas “For All” (Para todos) e faziam questão de ter, com toda fidalguia e respeito, a presença das moças potiguares nos eventos. Devido à distância da base e o centro de Natal, elegantemente os promotores das festas disponibilizavam gratuitamente um ônibus para buscar as jovens na cidade. De maneira

prá lá de depreciativa, os marmanjos locais passaram a denominar este ônibus como “marmita”, pois transportava “a comida dos americanos”.

A partir da década de 40, se torna visível na cidade de Fortaleza um aumento do consumo material e da entrada de aparelhos técnicos baseados no ideal de modernidade pautado pela entrada do “american way of life” da sociedade norte americana. Neste ponto, tornasse perceptível certa transição, repleta de paradoxos, de um cotidiano pautado nos moldes franceses, para um cotidiano pautado na aceleração, no desenvolvimento técnico e no consumo dos norte-americanos. Podemos perceber melhor essa fase nos relatos de Marciano Lopes (LOPES,1996):

Na segunda metade dos anos quarenta, terminada a Segunda Guerra Mundial, enquanto a Europa arrasada, procurava recuperar-se, emergindo dos escombros, os americanos inventavam o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica.

A França, até então, senhora absoluta e ditadora suprema da Cultura do Ocidente, perdia sua hegemonia em favor de “Tio Sam”. Que fazer? A velha senhora estava seriamente enferma, lutava para recuperar-se da catástrofe que lhe fora quase fatal, não tinha forças para lutar contra os usurpadores

Esse processo de americanização chegou ao Ceará através do desenvolvimento da política da boa vizinhança do Presidente Roosevelt, produzindo assim uma grande quantidade de ideologias, constituídas pelo governo norte-americano na conjuntura da Segunda Guerra Mundial.

Na disseminação da política da boa vizinhança os Estados Unidos passaram a exportar a idéia da defesa do hemisfério ocidental, da cooperação e da preservação da democracia. Neste ponto, o “american way of life” que incidia em Fortaleza, acaba por aumentar ainda mais as tendências consumistas, através da entrada de inúmeros produtos industrializados e tecnológicos que chegavam da “terra da luz”² direto para os lares fortalezenses. Marciano Lopes (Idem), sobre o assunto ainda afirma que:

No Brasil, como em toda a América Latina, em Fortaleza, particularmente, a idolatria os soldados ianques era um fato. Afinal, foram eles os heróis inquestionáveis que derrubaram Hitler e seus asseclas. Deus sabe com quanta ajuda, até mesmo com a nossa! Mas, como sempre aconteceu, os louros da vitória

² Como era chamada a França.

coroaram as cabeças mais fortes. Assim sendo, o mundo e, em particular a América Latina tinha de curvar-s às imposições da cultura emergente o que significava, dentre outras coisas, aceitar o plástico, o pyrex, as meias de nylon e a caneta esferográfica, além de outras “catrevages”, sem esquecer a “Coca-Cola”

Continuando o diálogo com Marciano Lopes (Idem):

A França mandava a frescura na forma na forma de moda, tecidos finos, chapéus, vestidos, sapatos, perfumes. Agora, porem, a coisa estava mudando e “Tio Sam”, com sua festiva cartola estrelada, começava a brincar com os tolos habitantes do Terceiro Mundo. Não eram só os produtos oriundos da borra do petróleo que faziam sucesso por aqui.

A entrada de tais produtos era fortemente divulgada por meio do rádio e do cinema, estes, mostravam que tais objetos eram extremamente necessários a consolidação do ideal de “vida moderna” empregado neste período.

Porém, essas mudanças não eram tão bem aceitas por todos, Jornais como ‘O Nordeste’ ligados a Igreja católica, faziam críticas a chegada desses “costumes avançados”, onde os mesmo iam contagiando a população e fazendo com que ela deixassem de lado a tradição:

Não é que se recuse o progresso e se ponha a margem o que nele há de aproveitável e mesmo de necessário. Mas é que a sabedoria está em conciliar a tradição com a inovação, em adotar as reformas sem prejuízo dos costumes vigorantes que não merecem ser abandonados.³

Esse processo de “intercâmbio cultural” através dessa “americanização” agudizasse na capital cearense através, sobretudo, do cinema Hollywoodiano, dos meios de comunicação de massa, das mercadorias importadas que entravam no comércio vindas diretamente do teórico berço da modernidade ocidental. Neste ponto, percebe-se um incentivo cada vez maior nesta entrada “tecnológica” a partir da instalação da base militar norte-americana, pois através do convívio com os soldados estadunidense é que a população passa a perceber a força do dólar, mais precisamente a força cultural dos hábitos ditos “modernos” e “civilizados” vindos do norte.

A Fortaleza dos anos 40, usando as palavras de Marciano Lopes, em certa medida, vivia esses ventos da modernidade. O advento da modernidade trouxe para a capital

³ Jornal **O Nordeste**. Fortaleza, 09 de maio. 1940, p.04.

alencarina transformações e rupturas no cotidiano da população. Cotidiano este, que é aqui entendido como repetição, rotina, continuidade que é abalada pela entrada de novas práticas culturais, como é o caso de mascar chicletes, de tomar coca-cola e de usar roupas de tecidos até então diferentes. Toda a entrada deste moderno aparato tecnológico, como os automóveis, as máquinas, as novas formas de ruas e praças e os objetos técnicos, requerem a elaboração de representações pelas pessoas que vivenciaram a mudança, que presenciaram esta alteração no cotidiano fortalezense.

Fortaleza, neste período, tinha como discurso oficial e modernizante o incentivo à instalação de referências que demonstrassem o seu progresso dentro da perspectiva civilizatória existente na época.

Porém contradições ainda existiam, entre o moderno e o antigo, discussões aconteciam sobre o caráter ainda provincial da cidade e o discurso modernizante que se tentava instalar:

*Doe a constatação de semelhante atraso, que põe indisfarçáveis laivos de provincianismo em nosso progresso urbano. Fortaleza evolui materialmente, mas no eu tange à educação pública aferrou-se a uma irreduzível posição estacionária. Fortaleza hoje é outra os tempos risonhos da despreocupação provinciana já passaram. Se os novos prédios, ruas e avenidas dão nos fóruns de moderna capital, é como tal, isto é, como habitantes de uma moderna capital que devemos proceder. Impõe-se uma revisão de nossos costumes.*⁴

Percebe-se nessa notícia certa contradição existente entre os costumes tradicionais e o processo modernizante que passava a cidade. As contradições não param por aí:

*SÍTIO PARA VACARIA – Vende-se ou arrenda-se com ou sem casa, com estábulo, capinzal (fruteiras, água perene) Joaquim Távora, 1603.*⁵

*BURRAS Desaparecidas – Pede-se a pessoa que viu ou sabe notícias de 2 burras desaparecidas com a seguinte marca o Z sendo uma melada e a outra castanha. Informar na Padaria S Tereza. Rua Santa Tereza, 610.*⁶

*ATENÇÃO – Desapareceu da rua D. Manuel, 336 um carneiro branco grande. Gratifico se aqui trouxer ou der notícias na mesma casa.*⁷

*SÍTIO – Arrenda-se, com estábulo, capinzal e coqueiral. Atratar na Visconde Rio Branco, 1641.*⁸

⁴ Jornal **O Povo**. Fortaleza, 20 abr. 1943, p.05.

⁵ Jornal **O Povo**. Fortaleza, 13 fev. 1948, p.06.

⁶ Jornal **O Povo**. Fortaleza, 29 jan. 1948, p.06.

⁷ Jornal **O Povo**. Fortaleza, 09 jan. 1948, p.06.

⁸ Jornal **O Povo**. Fortaleza, 23 jan. 1948, p.06.

Percebem-se nestes anúncios mais uma vez as contradições entre o discurso oficial e os “respingos” do cotidiano sobrevivente. Eles demonstram que ao mesmo tempo em que a gestão da cidade buscava concretizar e firmar a visão progressista, civilizada e moderna na capital cearense, ainda existia condutas que andavam na contramão de tal processo, prova essa, da existência de animais típicos do campo ainda conviverem no seio da capital, capital esta que se pretendia técnica, moderna e rápida. Práticas rurais ainda interioranas conviviam não só na região da periferia, mas também próximo ao centro urbano, disputando espaço assim com os novos aparatos técnicos, como os carros, os ônibus e até mesmo com os transeuntes.

Em meio à entrada de produtos tecnológicos, os quais foram realmente intensificados através dos constantes pousos e decolagens de aviões vindos dos Estados Unidos para descarregarem e se prepararem para seguirem viagem rumo ao continente europeu, rumo à guerra. A cidade de Fortaleza, ou melhor, seu poder público, começa a tentar gerir e regulamentar os serviços urbanos da capital, tais como energia, telefonia e água/esgoto. Esta alteração vem no mesmo sentido do discurso civilizador, ou seja, a prefeitura começa a investir no aparato técnico, como postes, rede de energia e monumentos, como consequência do discurso civilizador a paisagem metropolitana também tem que se tornar moderna. Não basta alterar os hábitos e os costumes, o cotidiano e infra-estrutura da cidade também entram na mesma perspectiva dos grupos elitistas que comandavam a cidade.

Ainda em relação às práticas consideradas a pouco como “provincianas” e outras ditas “modernas”, a discussão não para por aí. O periódico “O Povo” de 1943 destacava ainda:

Difícilmente encontraremos tão harmoniosa confluência de circunstâncias tendentes a permitir elaborar um novo código de vida em que poderiam desaparecer para sempre os pontos fracos dos nossos costumes, isto é, os nossos vícios, as nossas transigências, as nossas fraquezas. Nunca houve em nossa história uma fase tão própria para combatermos a cachaça e o jogo...⁹

De acordo com a matéria, muitas pessoas viam esse momento onde se almejava a civilidade e a modernidade como uma oportunidade única de tentar apagar práticas

⁹ Jornal O Povo. Fortaleza, 09 abr. 1943, p.01.

consideradas como “incivilizadas”, que acabavam por macular e denegrir a sociedade fortalezense. Porém, mesmo com este momento, os sujeitos praticantes de tais condutas tidas como desviantes não se submeteriam abandonar práticas que já estavam enraizadas nos seu cotidiano, principalmente as pessoas que compunham a camada mais pobre da sociedade que tinha nos jogos de azar e na cachaça realizados nos botecos e nas casa de amigos como importantes meios de lazer e sociabilidade.

Após tão longas digressões seguimos no sentido de perceber que a modernidade não é (nem foi) um bloco homogêneo, bem enraizado e possuidor de uma ordem determinada. Percebemos também, que de acordo com o setor da sociedade, estes interpretavam o se tornar moderno da sua própria maneira. Esses conflitos, também podem ser tidos, como embates existentes entre o que poderia ser aceitável como modelo a ser seguido, e o que seria rejeitado pela população.

No período mencionado, a cultura norte-americana se mostrava como tal modelo a ser seguido. O progresso e civilidade almejada seriam alcançados a partir da imbricação da dita cultura a cultura local.

Baseado nas informações expostas, podemos perceber que nem todas as práticas eram bem vistas e aceitas por todos. Muitas eram rejeitadas pela população e possuíam árdios defensores, como mostrar a matéria do Jornal “O Povo” de 1942 em relação à moda que se tentava implementar na época:

Não seja escrava da moda: se for moda trazer a saia pelo joelho, mas suas pernas não puderem ser comparadas as de Marlene Dietrich, mande a costureira aumentar o comprimento do vestido. Isso provocará comentários menos freqüentes e mais favoráveis.¹⁰

Percebemos assim, que existiam combates aos modismos existentes na época, e trazidos pela entrada das novas práticas cotidianas. Este combate era feito pela própria cultural local, que se encarregava de rebater tais práticas consideradas modernas, mas ao mesmo tempo desviantes da moral e dos bons costumes.

Neste momento o quadro moderno que se desenhava através do intercâmbio cultural e da guerra, trouxe novos hábitos e costumes que foram experimentados pelos diversos grupos

¹⁰ Jornal **O Povo**. Fortaleza, 30 jun. 1942, p.02.

sociais da cidade de Fortaleza. A cidade era “bombardeada” pela entrada de elementos externos a sua cultura, que vinham para se moldar e ligar as práticas existentes no cotidiano da cidade.

Esse tipo de intercâmbio comportamental e cultural já vinha acontecendo antes mesmo da década de 40, diversos produtos técnicos “modernos” já haviam sido introduzidos no Brasil e no Ceará. Porém, com a Segunda Guerra Mundial, com os acordos de Washington e a instalação das bases militares norte-americanas no Brasil esse processo foi ainda mais intensificado. A política norte-americana se aproximou da brasileira, fez-se presente no cotidiano da população uma massiva gama de modismos norte-americanos, através das propagandas e do cinema hollywoodiano estes vão ganhando cada vez mais espaços nas mentes das pessoas, que passam a se sentir atraídas por esse modo de vida americano, logicamente, ainda enfrentando algumas resistências por parte dos segmentos mais “conservadores” da sociedade fortalezense.

Neste ponto, podemos notar que essa transição/ruptura não aconteceu de forma abrupta e precoce, mas sim em um processo dialético, onde uma gama de valores e práticas foi surgindo e aflorando. A partir dessa compreensão nota-se que houve uma tentativa de conciliação entre o novo e o antigo notam-se a tentativa de adaptar as novas práticas aos “velhos” costumes, tentando desta maneira não romper totalmente com que era tido como “arcaico” por alguns setores.

É possível notar um crescimento amplo no movimento de modernização, o qual se encontrava presente em diversos espaços da vida cotidiana fortalezense. O consumo propagandeado pelo “american way of life” e o progresso vão se imbricando, aos poucos, com o desenvolvimento tecnológico gerado pela guerra e com os diversos tipos de aparelhos que vão chegando. Porém, como já dito, esta situação acaba se desenvolvendo em meio a parentes desencontros e desvios na cidade entre as pessoas. Nas palavras de Antônio Luiz Macêdo (FILHO, 2002): “Sua capital progressista e civilizada continuava entremeada por uma multidão de sujeitos sociais um tanto alheios ao projeto hegemônico, cujas reações seriam as mais diversas...”.

Além de Antônio Luiz Macêdo, existem outros autores que podem nos ajudar na compreensão desse processo dialético que se realiza na cidade de Fortaleza. Caso este do

memorialista Marciano Lopes (LOPES, 1996), que nos mostra outro caso o qual pode nos ajudar a entender os paradoxos existentes na cidade, no que toca o projeto de modernização, a chegada de novos produtos na capital:

Certa noite, lá em casa, lembro como se fosse agora. Aurea chegou como uma notícia estaparfúdia: os americanos tinham inventado uma “meia de vidro”. Seria tão fina e transparente que podia levada e usada a seguir, pois, sua secagem era instantânea. E ela, que usa meias quase permanentemente, seria das maiores beneficiadas como o novo invento. Então, as tais meias apareceram nas lojas e a minha decepção foi enorme, pois, desde que ouvira falar nas ditas “meias de vidro”, matutava, imaginando como que era possível. Na minha visão de menino de onze anos, seria algo como enormes copos em forma de pernas humanas. Mas, e as dobras dos joelhos? E os movimentos dos pés? E quando levasse pancada forte e se quebrassem? Pra mim, aquilo não era vidro coisa nenhuma.

As meias de nylon chegaram, fizeram furor, as tradicionais meias de seda foram encostadas, as mulheres tinham prazer em ostentar a novidade que mostrava até os poros das pernas. Uma sensação! As vitrines mostravam as raridades, como se fossem jóias preciosas.

Neste relato de Marciano Lopes podemos perceber e refletir a cerca das percepções, das sensações e das simbologias relacionadas ao surgimento/chegada de novos materiais como o nylon. Porém, não parou por ai, a chegada do plástico também causou algumas (re) significações simbólicas de certo produtos e de seus usos cotidianos. O próprio Marciano Lopes (LOPES, 1996), mostra isso em outro de seus relatos:

Aí, lançaram a grande novidade: o plástico em forma de tecido, em peças de estampados canhestros. Mas que sensação! As mulheres não perderam tempo. Fizeram vestidos. E desfilaram na esquina da “Broadway”. Mas, frustradas porque o vento não levantava suas saias para os “fius-fius” da rapaziada, nem uma leve brisa para refrescar lá embaixo. Jogaram os vestidos no lixo e só então descobriram que a novidade servia era para fazer cortinas de banheiro...

Mesmo que a intenção de usar o plástico como tecido para confeccionar roupas não tenha dado muito certo, por conta das razões expostas à cima, é possível notar certa abertura da população a entrada das novas práticas vestuais.

Novos objetos, equipamentos e produtos passavam a permear o cotidiano fortalezense, a ansiedade que ansiava por se tornar “moderna” passava a submergir em meio as novas práticas

rotineiras, criando assim um novo conjunto de significações e simbologias para práticas já existentes e práticas vinda dos ventos do norte.

A partir da análise dos periódicos da época, da literatura e da historiografia existente, e principalmente dos relatos de pessoas que conviveram com estas transformações, é que começamos esta análise sobre a transformação do cotidiano fortalezense com a chegada, a instalação e a permanência da base militar norte-americana na época da Segunda Guerra Mundial. Visando a originalidade e a inovação no trabalho, buscaremos dar vez e voz as pessoas do período, para que possamos compreender o que elas presenciaram, e mais importante ainda, entender o cotidiano através da memória daqueles que viveram-no de forma mais consciente e direta possível.

Neste sentido, buscaremos analisar criteriosamente a simbologia existente por detrás de toda uma imagem socialmente construída da cidade de Fortaleza nos idos da década de quarenta. Assim, buscando uma maior compreensão da transformação do cotidiano da cidade alencarina em meio a esta atmosfera de guerra.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- BRAUDEL, Fernando. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- CARVALHO, Jader de. **Aldeota**. 2. Ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1v.
- GIRÃO, B. **O Liceu e o Bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-província**, Fortaleza: Editora ABC Fortaleza, 1997, 300 p.
- JUCÁ, Gisafra Nazareno Mota. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. 2ª edição, São Paulo: Annablume, 2003.
- LOPES, Marciano. **Royal Briar**: a Fortaleza dos anos 40. 4ed. Fortaleza: ABC, Coleção Nostalgia, 1996. 311p.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Epoque** – reformas urbanas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda., 1993.

QUEIROZ, Rachel de. **A donzela e a moura torta (Crônicas e reminiscências)**. In: *Obra reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial**/ Ricardo Seitenfus. – 3. Ed.- Barueri, SP: Manole, 2003.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. **Fortaleza: imagens da cidade**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002. (Col “Outras Histórias”, nº 01).

_____. **Paisagens do consumo: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, 2002. (Col “Outras Histórias”, nº 10).

SOUZA, Thiago Schead de. **Na casa e na rua: objetos, serviços e práticas de consumo em Fortaleza (1940-1970)**. Fortaleza, 2008.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 235 p.